

ÁGUEDA PASSOS

A toga é uma indumentária que às vezes veste melhor as mulheres



Por trás de uma figura de aparência austera, Águeda Passos mostra a descontração da menina impulsiva de Viçosa do Ceará, onde passou parte de sua infância.

Entrevista com a desembargadora Águeda Passos, dia 14/11/00.

Produção, redação, edição e texto final:

Andréa Bezerra.

Danielle Pinheiro, Delane Silveira e Janis Lyn.

Texto de abertura: José Valente

Participação: Andréa Bezerra, Antônio Simões, Arizona Leite, Danielle Pinheiro, Débora Souto, Delane Silveira, Erivaldo Carvalho, Fernando George, Henrique Ayslan, Janis Lyn, Jhon Clayton, José Valente, Lívia Lara, Roberta Gregório.

Foto: Marina Gurgel.

Interior do Ceará, década de 30. Uma querela qualquer desenrola-se na pequena cidade e, ao chegar na comarca da justiça local, atrai a atenção de boa parte dos moradores, desacostumados com processos judiciais num tempo em que os conflitos ainda se resolviam na base do gatilho dos coronéis. Uma menina, em especial, mostra-se curiosa quanto à novidade daquela movimentação toda.

- Por que tem duas pessoas falando daquele homem ali? – quer saber.
- Porque uma diz o que ele fez de errado e a outra defende – explicam-lhe.
- E quem é aquele ali no meio, de preto?
- Aquele é o juiz, que decide quem está certo e quem está errado nessa briga.
- "Ah, esse juiz deve ser uma pessoa muito importante", pensa a menina.

Fortaleza, ano 2000. A desembargadora Águeda Passos prepara-se para deixar a presidência do Tribunal de Justiça do Ceará (quando da publicação desta revista Águeda

Passos já ocupa o cargo de corregedora geral da Justiça no Ceará), após dois anos à frente de uma das instituições mais tradicionais do Estado. Na bagagem, o orgulho de ter contribuído para diminuir um pouco a letargia do Poder Judiciário através da implantação de sistemas informatizados. O orgulho – ela garante – não se estende à primeira incursão de uma mulher no posto de autoridade máxima da justiça cearense. O que, aliás, pode ser provado pela espontaneidade simples e inesperada que aflora nas respostas às indagações e no tratamento dispensado aos interlocutores.

No semelhante, a vivacidade da menina que deixava as bonecas de lado para brincar de juíza ainda pode ser percebida, e contrasta com a pressuposta atitude austera. O contraste é ainda maior após alguns minutos de conversa. Nesse momento, a juíza despe-se de sua toga para sentir-se e fazer-se sentir uma mulher comum. Tem êxito na sua empreitada. Águeda Passos vira uma caricatura de si mesma, e mostra que a juíza pode ser dura e firme nas decisões, mas a mulher é sensível como qualquer outra, bem-humorada e acessível.

É no relato das lembranças de mocidade que se nota a presença da característica que parece ter sido companhia indefectível durante a vida: a determinação. A mesma que fê-la acalentar o sonho ainda na infância, e mantê-lo incólume inclusive no momento em que o pai manifestou a vontade de ter a filha formada em medicina. Foi a oportunidade de exercitar um dos instrumentos mais utilizados pelos profissionais da faculdade que iria cursar a persuasão.

Do pedido de Natal que selou seu destino aos dias de hoje já contam mais de quarenta anos, quase o mesmo tempo de magistrado. Águeda chega ao ápice da carreira certa de que a profissão é um dom especialmente lhe destinado por Deus. E sai da presidência do Tribunal de Justiça ciente de que não fez todas as alterações necessárias ao judiciário cearense. Sem manchas de corrupção no currículo, a desembargadora desce da cadeira do poder entristecida por não ter conseguido transferir sua imagem idônea ao sistema. Vai agora se dedicar à avaliação da atitude profissional dos colegas. Nesse momento, talvez a toga nunca tenha parecido tão pesada.



Os assessores da desembargadora, Chico Alves e Coronel Barreto, foram sempre muito acessíveis e solícitos. A atenção dos dois facilitou muito o nosso trabalho.

Janis - Quando a senhora lembra da sua infância na fazenda do seu pai em Lamedouro (distrito de Viçosa, município cearense que fica a 344 km de Fortaleza), quais as recordações que lhe vêm à cabeça?

Águeda - Vem a recordação do canavial, vêm as recordações de todas aquelas casas de moradores, o rio passando embaixo na fazenda. E, também, as recordações dos cavalos, que eu gostava de montar...

Danielle - A gente sabe que a maior parte da sua infância foi na fazenda em Lamedouro. Como era o seu dia-a-dia na fazenda?

Águeda - Não foi a maior parte da minha infância, (com) sete eu tive que ir para Granja (município cearense que fica a 322 km de Fortaleza) para a casa do meu tio estudar, fazer o primário. Eu fiquei em Granja até o terceiro ano e voltei para Viçosa (para) fazer o quarto ano primário. Depois, eu vim para o colégio das Salesianas (*Colégio Juvenal de Carvalho das Irmãs Salesianas*) fazer o exame de admissão. Naquela época, tinha exame de admissão. Para entrar na primeira série tinha que se submeter a um vestibularzinho de matemática, português, ciências, geografia e história.

Danielle - Quando a senhora viveu na fazenda, como era o seu dia-a-dia?

Águeda - Tinha que fazer minhas lições. Minha mãe ensinava a gente (*Águeda e os irmãos*) em casa. Ela era professora primária. Depois que eu fazia os deveres, ia brincar como toda criança. Eu era muito ativa. Gostava muito de estar trepada nas árvores, de andar a cavalo. Não sou essa pessoa calma, não.

Delane - Essas eram as suas diversões preferidas quando criança?

Águeda - Eram. Eu não gostava muito de rotina, não. Eu mudava. Até em boi eu montava (*risos dela*).

Valente - A senhora disse na pré-entrevista que era uma criança impulsiva. A senhora era uma exceção na família ou os irmãos foram do mesmo jeito?

Águeda - Tudo era igual. Tudo era danado. Não tinha nenhum calmo. Eram crianças sadias morando numa fazenda, fazenda muito grande, a casa imensa. A gente tinha muita

crescessem, pessoas que estudassem.

Tanto é verdade que o meu irmão foi para São Paulo, em 1945. Ele tinha 21 anos. Estudou na Faculdade do Largo São Francisco. Ali, ele foi presidente do Grêmio 11 de Agosto da Faculdade de Direito e presidente da Casa do Estudante de São Paulo. Vocês nem avaliam o que significa isso. Isso é tão importante, a Casa do Estudante e esse Grêmio 11 de agosto, que corresponde quase que a Prefeitura daqui de Fortaleza (*pela*) responsabilidade.

Danielle - A senhora falou na pré-entrevista que, apesar dos muitos filhos que o seu pai tinha, vocês sempre viveram bem porque ele era um dos homens mais ricos da região...

Águeda - (interrompendo) Era, ele era.

Danielle - Vocês, na fazenda, tinham alguma tarefa determinada? Ou por viverem bem seu pai nunca exigia que vocês trabalhassem?

Águeda - Não quero dizer que a gente não tivesse tarefas, a gente fazia alguma coisa, mas o problema era que a gente passava muito... Eu saí de casa com sete anos, os meus irmãos saíram mais novos ainda. Foram estudar em Viçosa. Outros foram estudar em Sobral (*cidade que fica a 230 km de Fortaleza*) e Granja até terem noção para fazerem o exame de admissão. Aí, vieram para cá. Dois deles eram internos no Colégio Cearense (*Colégio Marista Cearense*). Eu e minha irmã no Colégio da Salesiana. Meu pai tinha três filhas mulheres. A outra estava em Sobral no Colégio Santana.

Erivaldo - A preocupação com a boa formação escolar da senhora surgiu de seu pai

A produção não poderia ser melhor sem a "mãozinha" do pessoal da redação dos jornais locais. Eles não hesitaram em nos atender.

ou de sua mãe?

Águeda - Meu pai não gostava muito de se desligar dos filhos, não. A gente sentia que ele deixava a gente sair para estudar, mas era forçado. Ele era muito carinhoso. Agora, a minha mãe tinha muito amor pela gente, mas ela era aquela pessoa determinada. Então, ela queria que os filhos se formassem e que fossem gente. Ela dizia muito: "Vocês têm que estudar".

Andréa - Na fazenda, como era o relacionamento com os empregados?

Águeda - Era bom. Nunca tive mau relacionamento. Nem meus irmãos. A mamãe tinha muitas pessoas dentro da fazenda (*que*) serviam durante o dia (*e*) à noite iam para casa. Só tinha duas (*ou*) três pessoas que eu me lembro que, realmente, a mãe criava. Essas criaturas eram pessoas que ela tinha trazido da casa do meu avô. Elas tomavam conta da gente.

Débora - Levando-se em conta o que a senhora acabou de dizer, que seu pai era um homem mais ligado à família e a sua mãe era uma pessoa mais determinada, mais rígida, a senhora acredita que puxou mais ao seu pai ou à sua mãe?

Águeda - Eu tenho impressão que eu puxei mais a minha mãe (*pausa*). Porque eu exigia dos (*meus*) filhos a mesma coisa que a minha mãe exigiu de mim. Exigi porque eu acho que em uma casa os dois (*o pai e a mãe*) não podem ser mole. Porque se forem muito acessível, a família não chega aonde tem que chegar. Já a minha mãe era uma pessoa determinada, uma pessoa firme, uma pessoa que exigia muito da gente. A gente só ia brincar depois que estávamos com as tarefas todas prontas, tudo feitinha. Não tinha aquela aula

de caligrafia? A gente tinha que cobrir aquelas letras tudo direitinho (*nos*) cadernos de caligrafia...

As vezes, a gente dizia assim para o meu pai: "Pai, eu posso sair? Depois eu volto". Ele dizia: "Volto" (*risos*). Aí, ela (*a mãe*) brigava com ele (*o pai*), dizia que (*ele*) botava a perder, que não podia, que ela botava de um jeito e ele desfazia. (*Ele dizia:*) "Pois está certo, agora eu não me meto mais". Ele era uma pessoa que não gostava de briga. O meu marido diz muito que meu pai era um homem muito americanizado, era muito prático, ele

"Eu tenho a impressão que eu puxei mais a minha mãe. Porque eu exigia dos (*meus*) filhos a mesma coisa que a minha mãe exigiu de mim."

tinha muita praticidade. Ele não gostava de encrenca, de confusão. Era do temperamento dele.

Jhon - A senhora era mais apegada a ele (*o pai*) ou a sua mãe?

Águeda - Eu sempre fui mais apegada ao meu pai toda vida. Até depois de adulta.

Danielle - Qual característica do seu pai a senhora mais admirava?

Águeda - Eu admirava a palavra dele. Eu posso até contar para vocês um fato que eu achava interessante. Chegavam pessoas lá em casa e eu, pequenininha, perto dele (*do pai*). Ele dizia assim: "Agora vamos assinar o documento (*para provar*) que você levou isso aí". Aí, o homem assinava o documento. Um outro chegava e ele não

pediu documento. Um dia, eu disse: "Papai, por que o senhor pede documento a uns e a outros você não pede?". Ele se virou para mim e disse: "Minha filha, aprenda uma coisa, porque este aí tinha o avô e o pai que bastava o fio do bigode para responder pela dívida. Este outro aí eu peço porque nem o pai era bom pagador nem o filho, (*Eles*) são caloteiros".

Simões - Qual o ensinamento que seu pai lhe passou que a senhora até hoje acha mais importante?

Águeda - Meu pai era religioso demais. Era irmão de santíssimo e a família de meu pai era toda muito religiosa. Em Viçosa, a família do meu pai tem um local chamado Buíra. Meu pai foi a única pessoa do clã que saiu de lá para residir no sertão, em Iambéduro. Ele casou com uma moça de lá e fixou residência. Os maiores ensinamentos que ele me passou foi que não levasse em conta muito as tristezas,

que pensasse que amanhã seria sempre outro dia. Ele era muito desprendido dessa parte material. (*Quando*) Ele tinha um prejuízo muito grande, virava para o outro lado e dizia: "Isso é porque não era meu. Quem sabe o que foi que eu fiz para Nosso Senhor me dar esse prejuízo?". Se a pessoa se despedia dele (*dizendo*): "Até amanhã". Ele dizia: "Até amanhã, se Deus quiser" (*com ênfase*). (*risos de todos*).

Fernando - A senhora põe em prática esses ensinamentos?

Águeda - Ponho.

Fernando - Tem dado certo?

Águeda - Tem dado certo. Depois de assistir àquele filme "...E o vento levou" (*Filme americano de 1939, vencedor de oito Oscars*), eu vi que



Indo para o Tribunal em busca de mais informações, Andréa e Janis se desencontraram e só foram se falar uma hora depois do combinado.

Cada uma decidiu por si só ir fazer a apuração. O encontro no Tribunal foi marcado por um sonoro: "Não acredito, você estava aqui?!"



O modo como a desembargadora educou os filhos foi muito rígido. Sua filha, Filadélfia Passos, definiu a mãe como austera dentro de casa.

• a moça também punha em prática (risos de todos).

• **Andréa** - A senhora disse que o seu pai era mais liberal...

• **Águeda** - Era.

• **Andréa** - Foi esse um dos motivos da senhora ter tanta afinidade com ele?

• **Águeda** - Não, não foi essa questão dele ser mais liberal. Essa (foi) questão dele ser mais carinhoso com a gente. (Demonstrar mais afeto) Ele botava mais a gente no colo. Ele pegava e botava mais a gente para ficar na rede sentada com ele. A minha mãe dizia logo: "Eu não quero ninguém aqui para me perturbar" (risos).

• **Roberta** - Da sua mãe, o que mais fica com a senhora?

• **Águeda** - Ah!(da) minha mãe fica muito a determinação. A mãe que ela era quando a gente adoecia, ficava velando a noite toda. Ela foi uma das mães mais cem por cento que eu conhecí, era muito (com ênfase) forte, muito determinada. Eu acho que eu herdei isso dela. Minhas filhas dizem isso.

• **Fernando** - Como foi abdicar da presença dos pais para vir para Fortaleza?

• **Águeda** - Ave Maria! Foi uma coisa horrível! Eu pedia até para quebrar minhas pernas para não vir. Eu dizia: "Tomara que eu caia daquele cajueiro, que o cavalo me derrube, que aconteça qualquer acidente para eu não ir". Não era doida, não era? (risos)

• **Danielle** - Apesar dessa afinidade com seu pai, nunca lhe passou pela cabeça ser fazendeira como ele?

• **Águeda** - Não. Nunca passei. Ele não queria, também. Nem ele, nem a minha mãe. Ele queria que eu fosse médica. Ele já estava com tudo arrumado para eu ir para a Ba-

hia. (à época não havia Faculdade de Medicina no Ceará)

• **Arizona** - O seu sonho, desembargadora, era ser o quê?

• **Águeda** - Era fazer Direito. Toda a vida, desde pequeninha.

• **Erivaldo** - Quando a senhora veio para Fortaleza estudar, a senhora costumava voltar para a fazenda no período de férias. Como era esse reencontro?

• **Águeda** - Mas você nem sabe como eram essas férias! A gente entrava em março no Colégio das Salesianas e saía

quem ficava mais na rédea da família.

• **Valente** - O fato de ter muitos irmãos restringia o ciclo de amigos da família da senhora?

• **Águeda** - Lá era difícil porque as fazendas são um pouco longe umas das outras. Então, a gente tinha que ter amizade mais com os filhos dos moradores. Com aquelas pessoas mais carentes que estavam ali perto da gente, brincando.

• **Danielle** - Quando a senhora saiu de Lamedouro e veio para Fortaleza teve alguma dificuldade de adaptação que a fez pensar em desistir e voltar?

• **Águeda** - Nunca pensei em desistir, nunca. Quando eu cheguei no colégio, eu vi o que a minha mãe queria, realmente. O porquê de meu pai está fazendo esse sacrifício de se separar da gente, de mim e da minha irmã. Aí, eu entendi.

• **Andréa** - Quais eram os pontos positivos que a senhora achava que a vida em Fortaleza lhe trazia?

• **Águeda** - Trazia o ensinamento. A aprendizagem, a mãe metia na cabeça da gente que não seríamos nada se não estudássemos. O estudo era que valia. A vida no colégio também era muito boa. A gente brincava muito. Corria muito. Tinha a hora do recreio, tinha a hora do jantar. Só era ruim acordar às quatro horas da manhã para fazer ginástica, depois, ir para missa e só tomava café após a missa. Você sabe que a gente amanhece morrendo de fome.

• **Roberta** - O que a senhora mais sentiu, então, foi essa questão de horário.

• **Águeda** - Horário e aquela fila. Você sabe que menino de sertão não é acostumado a ficar em fila, a obedecer fila. Fila para rezar, fila para ir para a

A atitude de Águeda Passos com os netos é totalmente diferente da que ela teve com os filhos. Os netos a colocam no bolso.

capela, fila para o almoço, fila para tudo. Mas dizem as freiras que eu era ótima, não sei (risos).

Janis - Desembargadora, quais foram os ensinamentos dos seus pais que lhe ajudaram na sua vida aqui em Fortaleza?

Águeda - A me comportar. Devo isso a eles e, graças a Deus, jogo as mãos para os céus a todos dois, tanto a meu pai como a minha mãe: eles diziam que eu tivesse muito cuidado com a vida e com o comportamento porque o mau comportamento acompanharia a vida da pessoa sempre. Isso me valeu bastante porque eu encontrei muitos inimigos que vasculharam minha vida e não acharam um senão. Então isso me valeu demais.

Débora - Desembargadora Águeda, a senhora falou que veio para Fortaleza com a sua irmã. Como era o relacionamento com ela?

Águeda - Ela era mais velha do que eu. Então, no colégio, a gente só se encontrava na hora da refeição porque o estudo dela era em um pátio e a minha vida era no outro pátio. Tinha a divisão das menores e a divisão das maiores. A gente se encontrava mais nos sábados e nos domingos. No colégio, tínhamos obrigação de varrer, de limpar as classes, de botar as cadeiras direitinho para as aulas de catecismo. A gente pagava o colégio, mas também tinha a obrigação. A gente tinha aula de pintura, de piano.

Danielle - Qual era o momento de seu dia que a senhora mais sentia falta da sua casa?

Águeda - Era à noite... Seis horas era horrível.

Delane - Quando a saudade batia forte, o que a senhora fazia para superar

esse sentimento?

Águeda - Eu sempre me agasalhei na capela da igreja. Acho que é por isso que eu tenho a fixação muito grande em Nossa Senhora... Porque eu ia conversar com ela, pedir pela minha mãe, pelo meu pai, pelos meus irmãos.

Valente - Um amigo seu disse que quando a conheceu, a senhora era uma adolescente retraída. Quer dizer, tinha o contraste entre a criança impulsiva e a adolescente retraída. A senhora acha que esse contraste era devido ao impacto da mudança para Fortaleza?

“Eu exigi dos (meus) filhos a mesma coisa que a minha mãe exigiu de mim. Exigi porque eu acho que em uma casa os dois (o pai e a mãe) não podem ser moles.”

Águeda - Que amigo foi esse? (risos dela) Eu acho que era devido à adolescência. É um período muito difícil na vida da pessoa. Eu acho que eram esses conselhos do meu pai e da minha mãe que diziam que a gente tinha que se comportar bem para poder não fazer besteira. Mas não foi a mudança (para Fortaleza), não. A mudança foi porque eu mudei de uma fazenda para dentro de um internato.

Jhon - Como é seu relacionamento, hoje, com os seus irmãos?

Águeda - Eu me relaciono bem. Graças a Deus.

Jhon - A senhora tem contato?

Águeda - Tenho. Uma mora no Rio (Rio de Janeiro), um irmão mora em Viçosa. Eu tenho um bocado de irmãos.

Meu pai foi casado três vezes. Com os irmãos por parte de pai, a gente não se relaciona. Sempre a terceira família nunca tem um bom relacionamento porque (os irmãos) são bem mais velhos que a gente. Com os irmãos filhos da minha mãe, a gente tem um bom diálogo. Eu só tenho uma irmã no Rio, dois em Viçosa, (faz uma pausa mais longa) o resto já morreu.

Andréa - Qual era a principal diferença entre a educação que a senhora tinha na fazenda e a educação que a senhora tinha aqui no internato?

Águeda - Era diferente. Na fazenda, eu tinha ampla liberdade. Era minha casa. Mas eu também tinha a obrigação de rezar. Mamãe botava a gente para rezar. Mas no colégio tinha a disciplina. Tinha que ir para a igreja. Depois, tinha a boa noite para a gente poder ir dormir. O refeitório era o único local que a gente podia se comunicar bem.

Andréa - A senhora era menos formal em casa?

Águeda - Era. Em casa, eu podia comer e botar o meu cotovelinho aqui (encosta o cotovelo em cima da mesa). No colégio, tinha que ser tudo bonito.

Danielle - O que a senhora mais gostava de fazer no internato, no colégio de freiras?

Águeda - Eu gostava mais da aula de piano e de pintura, com a irmã Nazaré Nóbrega. Ela ainda está viva e eu quero muito (ênfase) bem a ela. Está lá na casa das freirinhas.

Danielle - O que a senhora não gostava?

Águeda - No colégio? Ave Maria! Acordar às quatro horas da manhã para a ginástica.

Herik - A senhora conheceu o seu marido aos 15 a-



Durante o período de produção, as visitas ao Memorial do Poder Judiciário do Ceará foram inevitáveis. Lá, estão expostos pertences do jurista Clóvis Beviláqua.

A pré-entrevista foi marcada para ter vinte minutos de duração. Mas acabamos cronometrando duas horas de puro bate-papo.



Na pré-entrevis-
ta, Águeda sur-
preendeu a equipe
de produção. De-
monstrou ser uma
pessoa com espí-
rito jovem e
cheia de alto
astral.

*nos. Como a senhora o co-
nheceu?*

Águeda - Eu fui visitar u-
ma tia minha que era noiva-
na no Patronato Nossa Senhora
Auxiliadora. Ele morava atrás.
Mas não tive muita ligação
com ele não. Apenas fui apre-
sentada a ele. Eu conheci
mesmo foi depois que eu entrei
(na Faculdade de Direito). É-
ramos grandes amigos. Fomos
namorar já no quarto ano da
faculdade.

Janis - *A senhora falou
que a sua família era muito
católica. A sua religiosidade
se deve à educação da famí-
lia ou (ao fato de) ter passado
tantos anos dentro de um
internato?*

Águeda - Eu acho que
(se) deve à minha família.
Minha família é muito re-
ligiosa mesmo. A família do
meu pai e a da minha mãe.
Principalmente, a do meu
pai. Nas casas de fazenda
do meu pai em Viçosa, na
Buíra, quase em cada casa
tem uma capela.

Jhon - *Durante a con-
versa com a equipe de
produção, a senhora
contou que desde pequena
gostava de brincar de juíza.
Chegou à adolescência,
atravessou o segundo grau
mantendo essa vontade. Co-
mo nasceu esse desejo?*

Águeda - Eu tenho a im-
pressão que nasceu em um júri
que eu assisti ainda pequena,
em Granja. Eu fui da casa do
meu tio e fui assistir aqueles
homens brigando (risos). Nes-
sa época, esse júri se realizava
na Prefeitura de Granja (mu-
nicipio cearense a 322 km de
Fortaleza na região norte do
Estado). (Um) defendia, o ou-
tro acusava e aquele juiz pa-
rado acolá no meio. Aí, eu per-
guntei para o professor Luís
Cruz de Vasconcelos. Luís te-
ve muita responsabilidade na
minha formação. Eu perguntei
assim ao professor: "Dr. Luís,

por que um briga, um acusa, o
outro fala?" (Ele disse): "Não
minha filha, é assim: esse diz
os erros, aquele diz que ele não
tem erro", ele queria que eu
entendesse, "e o juiz é quem
vai decidir quem é que está
certo e quem está errado".
Dali para frente eu (passei a
pensar) esse juiz é uma figura
muito importante porque ele é
quem vai botar as coisas no
lugar. Eu comecei a querer ser
juíza. Até então eu tinha na
minha cabeça que eu ia para a
Bahia fazer Medicina.

Jhon - *Qual era a sua
idade nessa época em que a
senhora viu esse juiz?*

**"(Meus pais) diziam que
eu tivesse muito
cuidado (...) com o mau
comportamento. (...)
Muitos inimigos
vasculharam minha vida
e não acharam um
senão."**

Águeda - Era oito para no-
ve anos.

Valente - *A senhora não
teve nenhuma outra influ-
ênci na decisão de fazer
Faculdade de Direito?*

Águeda - Não... Tive
não... Ah! sim. Eu sei o que
você quer perguntar (risos de
todos). Tive sim. Foi o doutor
Olavo Oliveira. Eu saia muito
para a casa dele, meu tio era
casado com uma irmã dele. Ele
dizia: "Menina, você tem mente
é de advogado. Como é que
você vai fazer esse negócio de
Medicina? Não dá certo, não".
Eu sabia que não daria (certo).
Eu acho que eu estaria ma-
tando o povo.

Danielle - *Mas seu pai
queria que a senhora fizesse
(Medicina)...*

Águeda - (interrompen-

do) Ave Maria, à força.

Danielle - *A senhora ti-
nha um relacionamento mui-
to bom com seu pai, esse re-
lacionamento não mudou
depois da sua decisão de fa-
zer Direito?*

Águeda - Não, mudou não.
Ele aceitou.

Janis - *E a sua mãe?*

Águeda - A minha mãe
não influía. Ela achava que de-
via ser uma escolha minha. Mi-
nha mãe tinha mais instrução
do que meu pai.

Danielle - *Como foi con-
vencer seu pai de sua voca-
ção?*

Águeda - Eu pedi de pre-
sente de Natal. Esperei pelo
Natal e ele me deu.

Valente - *Até então, ele
não sabia da sua vontade
de fazer Direito?*

Águeda - Ele sabia que
eu não estava muito satis-
feita em fazer medicina,
mas eu perguntei a ele se
eu fizesse o vestibular para
Direito e passasse, se ele
deixaria eu fazer Direito.
Ele disse, até brincando: "É,
se você passar, estudando
pra Medicina." Eu fazia Fí-
sica, Química, Biologia com os
professores Godofredo e Esio,
eram quem preparavam,
naquela época, para o vesti-
bular. Eu fazia essas três maté-
rias. (Para) Direito, (eram)

matérias completamente dife-
rentes: Português, Latim, Fran-
cês e Inglês. (Meu pai pensa-
va): "Como é que esta menina
vai passar em Direito com to-
das essas matérias". Eu já es-
tava no terceiro científico. Es-
condida dele, saia para me pre-
parar para o vestibular. No in-
ternato, não deixavam sair. Eu
ia para a aula de (preparaçao
para o vestibular de) me-
dicina depois do colégio, uma
hora, eu entrava na aula. Mas
cinco horas, eu estava com o
professor Correia estudando
para Direito. Eu passei (pau-
sa). Quando eu passei, foi um

No início da pré-
entrevis-
ta, a
desembargadora
demonstrou pressa
em terminar. Por
fim, ultrapas-
samos o tempo
previsto. Em al-
guns momentos de
relembrações, ela
parecia uma ado-
lescente!

caso irreversível.

Lívia - *Como foi para a senhora ter passado no vestibular para Direito?*

Águeda - Foi a maior alegria que eu já tive em toda a minha vida (com muita ênfase e empolgação). Quando eu vi que meu nome estava no jornal, saí correndo com o jornal e esbarrei em todo mundo.

Erivaldo - *Nesse momento, a senhora não pensou no sonho que o (seu) pai tinha de a senhora ser médica?*

Águeda - Pensei não, só pensei em mim. Nessa hora eu não pensei nele não. Pensei em mim, não vou mentir! (risos) Eu pensei que eu tinha realizado o que queria.

Janis - *Desembargadora, vivendo numa sociedade patriarcal e sendo uma mulher determinada, a senhora se sentia diferente das outras pessoas, das outras moças?*

Águeda - Eu acho até engraçado a sua pergunta, porque eu não me sentia diferente. Eu tinha uma amiga na faculdade, que era até minha prima, mas o resto, meus colegas eram todos homens. Eu estudava com eles. Às vezes, as meninas diziam assim: "Olhe, nós vamos estudar na turma de vocês". Eu posso até dizer, era o Pádua Barroso (advogado) e o Blanchard Girão (Blanchard Girão, advogado e jornalista, que foi entrevistado na revista Entrevista nº 1). Um é até jornalista. Eles diziam assim: "Não. A Águeda vai e a Ampara (Maria Ampara Fontenele) a gente aceita". (Elas diziam): "Por que só elas duas?" (Eles diziam): "Porque elas têm cérebro de homem". Eu dizia: "Que conversa é essa?" (risos dela). Naquela época era uma sociedade machista. Eles só aceitavam a gente, eu e Ampara.

Lívia - *Por que a senho-*

ra acha que eles só aceitavam vocês?

Águeda - Eu acho que eles não queriam era que se juntassem muitas mulheres e fossem conversar. (risos do pessoal). (pausa). Eles sabiam que eu estudava muito e ela (a Ampara) também. Acho que tinha também isso. Diz a irmã Nazaré Furtado (professora do colégio Salesiano) : "Eu sabia que você ia chegar aonde chegou, porque você sempre estudou muito e sempre foi a primeira da classe, sempre gostou muito de nota boa." Eu chorava quando me davam uma nota ruim.

“O doutor Olavo Oliveira (...) dizia: ‘Menina, você tem mente é de advogado’. Como é que você vai fazer esse negócio de Medicina? Não dá certo não”

Andréa - *Na universidade também foi assim?*

Águeda - Eu chorava também, não gostava de nota baixa não.

Danielle - *A senhora desde pequena foi a primeira da sala. Na faculdade também era?*

Águeda - Na faculdade, eu nunca passei por prova oral. Mas eu encontrei um desgraçado na minha vida, um professor chamado Eribaldo Dias da Costa (professor da disciplina Introdução à Filosofia do Direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará) (risos da turma) que me perseguiu demais.

Herik - *Como foi o reencontro com o seu marido na faculdade?*

Águeda - Foi um reencontro de amizade... ele era ótimo comigo. Achava que eu estava num pensionato (*E dizia*): "Você está passando fome." Ele era um rapaz abastado do Piauí. (*Ele me convidava*) "Vamos almoçar comigo hoje". Eu ia, almoçava, a gente conversava. Ele era muito amigo meu. Acho que essa amizade foi fundamental para o bom relacionamento.

Débora - *Na época que a senhora fazia a faculdade de Direito a senhora residia aonde?*

Águeda - No patronato Nossa Senhora Auxiliadora, nos três primeiros anos. Depois, fui para o Norton Hotel. No Norton Hotel tinha que sair e dizer para onde ia, o Chico (jornalista Francisco Alves) sabia como era a minha vida (risos dela). A gente para sair tinha que dizer. Eu ia para a faculdade de manhã e tinha que escrever no livro. Ele (o dono do pensionato) tinha uma casa só com moças. Se fosse para uma festa, tinha que dizer onde estava. Mas eu nunca fui de festa não. Eu nunca gostei, nem na minha terra, Viçosa, eu nunca fui.

Valente - *Durante a sua carreira em nenhum momento a convicção da escolha pela profissão em Direito se abalou?*

Águeda - Em nenhum momento. Toda vida eu vi que era aquilo que eu precisava, que eu queria. Eu sou vocacionada. (risos).

Andréa - *A senhora tinha algum professor que admirava?*

Águeda - Tinha, o professor Francisco Olavo de Souza.

Andréa - *Por quê?*

Águeda - Porque ele era um bom professor, sério, muito didata. E tinha mais uma coisa: ele tinha dedicação à matéria



No decorrer da pré-entrevista, Águeda se mostrou bastante amigável e abriu sua vida pessoal e profissional.

Quando fomos transcrever as fitas da pré-entrevista, um susto: as vozes na gravação pareciam de patinhos... ainda bem que conseguimos superar o problema.



Para atenuar as inacabáveis horas de reuniões da equipe de produção, nada melhor do que o bom humor. O essencial foi que os encontros foram regados não apenas a discussões, mas também a gostosas gargalhadas.

que ele ensinava e principalmente aos seus alunos. Ele ensinava Direito Comercial. Tanto que me apaixonei pelo Direito Comercial e hoje sou professora. (Águeda é professora da disciplina Direito Comercial na Universidade Federal do Ceará).

Roberta - A senhora falou também que tinha um professor que perseguiu a senhora. Por que a senhora acha que ele perseguiu a senhora?

Águeda - (interrompendo). Eu não já disse? Eu não vou te dizer não! (risos de todos). Esta história é pública e notória. (risos de todos). Cadê o Chico (Águeda procura Chico Alves ao redor da sala)? Esta história era pública e notória (com ênfase) lá na faculdade. (risos).

Jhon - Lá na faculdade, mas aqui é diferente. (risos).

Águeda - Mas vocês vão botar numa entrevista. (risos)

Danielle - Como aluna, a senhora era daqueles que contestavam?

Águeda - Eu nunca fui calada, sempre contestei. Ontem, fui brigar com a minha filha e disse: "Menina, te cala." Ela disse: "A senhora sempre nos ensinou que a gente deve dizer quando as coisas estão erradas". Eu nunca fui essa coisinha quietinha, freira não. Sempre fui contrastante. Sempre achei que ninguém pode aceitar tudo que impõem à gente. Tem que dizer o que é que está errado, o que está certo.

Jhon - Na pré-entrevista, a senhora falou o seguinte: "Eu tive uma vida boa, muito agradável em todos os sentidos. Só vim reclamar da vida depois de adulta, que encontrei muito cafajeste."

Águeda - Encontrei (bem

determinado). Ave Maria! Meu filho, eu encontrei tanta perseguição... Em Juazeiro (do Norte - município cearense que fica a 574 km de Fortaleza) eu encontrei um coronel, que era major de polícia, que queria mandar nos meus presos. Este homem fez representação por cima de representação contra mim.

Depois, aqui em Fortaleza, encontrei advogado José Jovino da Costa que só para entrar nesse Tribunal, eu tive que me defender de vinte e três representações (direito que cabe ao cidadão de se dirigir aos poderes públicos pa-

porque na magistratura só tinha a desembargadora Auri (Moura Costa) e eu, duas mulheres. Já pensou, no meio de um bando de homens, só nós duas?! Nós não tínhamos direito à promoção por merecimento, que até hoje é difícil. Não tínhamos direito a tantas outras coisas... (diziam) "Mulher não pode entrar porque ela vai ficar sem trabalhar quando tiver um neném." (quando tiver meus filhos) nunca fiquei sem trabalhar. Justamente porque essa era uma das implâncias.

Jhon - Qual foi a sensação quando a senhora passou no concurso para juíza?

Águeda - Fui eu sozinha de mulher também. Só estava lá eu. A sensação foi maravilhosa. Eu já sabia que ia passar. Nas provas escritas, eu já estava passada. Um dos professores que estavam me examinando sem querer disse numa roda: "Tem uma mulher sozinha. Mas essa mulher, nem que tire zero, ela deixa de passar. Eles não podem reprovar porque está lá escrito tudo o que ela fez. Ela tirou dez em Medicina Legal, tirou nove em..." E foi dizendo todas as minhas notas. Eu disse assim: "Se precisar de ti tu vai e confessa?". Ele disse: "Vou e digo, tudinho". Eu tinha medo de na hora da classificação...

Andréa - A senhora sempre quis ser juíza quando estava cursando a faculdade de Direito?

Águeda - Não. Eu não pensei em ser juíza não. Eu queria ser promotora. Meu marido disse: "Vai ser juíza, promotora não vai." Ele era tão bacana, cedia a tanta coisa... Ele achava que, naquela época, a vida de promotora era muito difícil. Hoje não, (a vida) está melhor. Ele achava que eu era contestante demais, que

Janis, Delane e Danielle foram para a entrevista de carona com a Marina, a "fotógrafa". A gritaria e as risadas dentro do carro tornaram claro o nervosismo.

eu ia achar muito aborrecimento... mas eu estou muito feliz com a escolha que foi feita.

Débora - *Por que o desejo de ser promotora?*

Águeda - Porque eu sou mais de contrastar, sou mais de contestar. Eu não sou de aceitar muito, não. Hoje o juiz não está mais assim, hoje ele já discorda, mas naquela época, ele não discordava.

Herik - *A senhora falou agora há pouco que, para ser mãe, não tinha se afastado do cargo. Como foi conciliar ser mãe com a profissão?*

Águeda - Eu fiz um programa na minha agenda (com) a hora dos meninos se alimentarem. E marcava as audiências, por exemplo, de três em três horas. Marcava as audiências dentro daquele horário que eles não iam comer. Nunca deixei ninguém fazer nada por meus filhos, era eu que fazia mesmo.

Danielle - *A senhora ingressou na magistratura em 1961, em Várzea Alegre (município cearense que fica a 436 km de Fortaleza). E foi mãe do primeiro filho também em 1961. Essa simultaneidade não atrapalhou sua ascensão profissional?*

Águeda - Não, eu fiquei logo trabalhando, eu não pedi nem licença.

Valente - *Esse início de magistratura é exatamente o momento em que a maioria dos juizes reclama porque tem aquele período em que você vai para o interior. A paixão da senhora pela magistratura fez com que essa situação fosse diferente?*

Águeda - Eu cheguei na cidade de Várzea Alegre totalmente sem saber, só cheia de teoria, teoria, teoria... não sabia nem a cor do processo (com

ênfase). Naquela época, nem estágio tinha. Eu tinha defendido muita gente em Caucaia (município cearense que fica 16 quilômetros de Fortaleza). Eu, Pádua Barroso e o Blanchard. A gente ia sempre para Caucaia defender presos, mas mais na área criminal. Na área cível a gente não pegava muita coisa. A área criminal porque os presos eram pobres. Eu passei dois anos lá (em Caucaia) com o doutor Louival. Era eu, Pádua Barroso e o Blanchard. Mas nessa parte de cível eu não tinha nenhuma entrada em um estágio, em uma coisa certa.

“Eu tinha uma amiga na faculdade, que era até minha prima, mas o resto, meus colegas eram todos homens. Eu estudava com eles.”

Quando eu cheguei em Várzea Alegre, eu ia substituir um juiz muito inteligente que tinha saído, o doutor Vasques (Vasques Furtado Filho). Eu digo: “Como é que eu vou começar, meu Deus? Se chegar uma precatória, o que é que eu vou dizer nesta coisa? Eu não sei.” Era só para dizer: “Cumpra-se”. (risos de todos).

Eu fui e pedi ao escrivão: “O senhor podia me dar as precatórias para eu ver, as ações de iniciação de obra nova, a ação dessa, ação daquela...” Quando eu pedi a ação de despejo, ele disse: “Aqui não tem essa ação não. Quem tem casa para alugar aqui é o padre. Ele destelha e pronto, a pessoa sai”. Eu digo: “É assim? Pois eu vou impôr aqui a ação de despejo.” Eu impus a ação de despejo em Várzea Alegre. Aí, o padre chegou lá

em casa: “A casa é minha, e não sei o quê, pá, pá, pá...” Eu disse: “Não, padre Otávio. Agora o senhor vai ter que requerer ação de despejo contra os seus inquilinos porque aqui agora tem lei.” Essas coisas que eu fui exigindo. Eu aprendi muito lendo as sentenças do meu antecessor, mas eu não sabia nada. Não sabia colocar “Cumpra-se” na precatória. Que era só para dizer “Cumpra-se” a ordem do outro.

Valente - *O seu antecessor não tinha autoridade?*

Águeda - Como?

Valente - *O seu antecessor não tinha autoridade? A senhora disse que o padre chegou e disse: “A casa é minha”.*

Águeda - Acho que ele tinha. O problema é que ele não queria entrar em conflito com o padre. Eu me impus e ele (o padre) não brigou comigo, não... Por isso que a minha filha disse: “A senhora ensinou que a gente não fica calada com o errado.” Eu não sou muito de achar que uma coisa está errada e dizer amém, não. Eu contesto logo. Eu contesto e tenho autocrítica se praticar um erro ou uma injustiça com uma pessoa de estirar a mão à palmatória e dizer que eu acho que estou errada.

Janis - *No início da sua carreira de juíza houve algum processo que marcou a senhora?*

Águeda - (pausa. Ela fica pensativa) Quase sempre quando aconteciam crimes bárbaros no Cariri, ou processos de grande monta, de muitos interesses, o Tribunal tirava a mim da Comarca que eu estivesse e o doutor Aldeir Nogueira Barbosa, que foi procurador Geral do Estado (atualmente ele é procurador de justiça), da Comarca de Sobral, e colocava os dois.



A equipe de produção foi recepcionada no Tribunal com uma surpresa: a entrevista seria gravada em vídeo para arquivo! Éta, responsabilidade! Ficamos entre um misto de euforia e apreensão.

A entrevista estava marcada para as três horas da tarde. Devido a um pequeno atraso da desembargadora, foi iniciada às três horas e vinte minutos.



Na mesma sala, havia cerca de quarenta lâmpadas, entre lustres e abajures. Quinze quadros. E uma vitrola de disco de cera que ainda funciona.

• Nós dois é que íamos fazer esses processos, como o de Clóvis Lacerda, que foi um latrocínio (*crime hediondo consistente em roubo, empregando-se violência, resultando em morte ou lesão corporal grave*), foi o de um vereador chamado Calango que foi assassinado no trem... assim estes crimes bárbaros, o Tribunal sempre me designava e a Procuradoria designava o Aldeir. Um dia, eu disse brincando para o Aldeir: "Ave Maria, Aldeir, esse negócio está muito engraçado. Tiraram-me da Comarca que eu estou e tiram você de Sobral para morrer na mão de pistoleiros." (risos de todos).

• **Débora** - Em algum momento a senhora já reconheceu que fez alguma coisa errada?

• **Águeda** - Toda vida que eu acho que minha decisão não está correta, eu peço sempre para o meu colega para pedir vista, para estudar melhor. O desembargador Stênio (*Stênio Leite Linhares*), o desembargador Mauri (*José Mauri Moura Rocha*), todos sabem que eu cansei de pedir a eles para pedirem vista nos meus processos. Eu dizia: "Peça vista neste processo que eu estou com dúvida". Eu nunca quis prejudicar o direito alheio, acho que direito não se tira.

• **Danielle** - No início de sua carreira, qual o cargo que a senhora assumiu que foi importante para sua ascensão? O que mais lhe marcou?

• **Águeda** - (pausa) Acho que foi a minha primeira nomeação de juiz mesmo. Eu estava toda empolgada, novinha e pensando que era gente (risos). O resto, eu recebo com a maior naturalidade. Quando eu cheguei aqui eu estava tão sofrida, tão cansada de vinte e três representações e sindicâ-

cias e do negócio da revolução de 1964... me tacharam de comunista e de toda coisa. E portanto...

• **Jhon** - Com base em que havia tantas representações contra a senhora?

• **Águeda** - Eram por causa de contratos de falência e de concordata. Eles vinham com as concordatas, as concordartas estavam ilegais e eu pá... transformava em falência. E eles não queriam. O Jovino (*advogado José Jovino da Costa*) não queria. Queria que continuasse como concordata, mesmo erradinha.

• **Arizona** - Qual a idade

“Eu nunca fui essa coisinha quietinha, freira não. Sempre fui contrastante. Sempre achei que ninguém pode aceitar tudo que impõem à gente.”

que a senhora assumiu o cargo de juíza lá em Várzea Alegre?

• **Águeda** - Eu ia fazer 25 anos em julho e eu assumi em maio.

• **Arizona** - A senhora achava que tinha maturidade?

• **Águeda** - Eu achava que não tinha era nada... eu não achava que tinha maturidade, eu era muito nova ainda para dizer que eu tinha maturidade. Eu acho que eu só tinha juízo (risos dela).

• **Erivaldo** - A equipe de produção apurou que algumas vezes a senhora disse que confiava nas pessoas, e no entanto, algumas vezes sentia-se traída. Como a senhora administrava o poder que uma juíza tem com essas traições?

• **Águeda** - As traições não são dentro dos meus processos porque eu nem conheço as partes, não sei nada. Eu só vejo quem tem razão e quem não tem. Essas traições, que eu confio excessivamente nas pessoas, são de amigos, pessoas que estão ligadas a mim por outros laços. Colegas aqui dentro, advogados, promotores ou familiares... qualquer outra pessoa, mas dentro dos processos não há isto porque as partes são totalmente desconhecidas - pelo menos para mim são. (risos dela).

• **Danielle** - A senhora falou também que seus filhos nunca atrapalharam sua carreira. Agora, sua carreira chegou, em algum momento, a atrapalhar sua relação com os filhos?

• **Águeda** - Eu fazia tudo com ordem. Eu ia para o fórum à tarde e eles estudavam de manhã. Às doze e trinta eu saía para ir para o fórum.

• Quando eu vim aqui para a capital, que eles vieram pequenininhos, estavam no jardim. Os que vieram de Juazeiro, uma veio com um ano e outro veio com um ano e meio. A diferença de um para o outro era só de 11 meses. Eles nasceram quase todos no mesmo ano. O mais velho é militar, é oficial do Exército. É maior e está passando agora para tenente-coronel. Ele está no Rio. Mas nunca atrapalhou não, eles sempre também foram primeiros lugares.

• **Danielle** - Nem o fato da senhora estar sempre sendo transferida e eles tendo que ir junto?

• **Águeda** - Não prejudicou nada. Nenhum terminou fora da idade escolar. Eu tenho uma que entrou na faculdade de medicina com dezessete anos e, a outra, com dezoito.

• **Lívia** - A senhora influen-

No começo da entrevista, fomos servidos com água, café e chá. Na primeira meia hora de gravação de fita, nota-se batidas das colheres nas xícaras.



ciou na escolha da carreira deles?

Águeda - Não, nenhum. Diz o mais velho que é militar porque eu influenciei, mas é brincadeira dele (risos).

Jhon - *E esse sucesso, pelo fato de todos os seus filhos serem bem sucedidos nos estudos, lhe dá um orgulho especial?*

Águeda - Para mim, essa sua pergunta para mim é muito boa e inteligente. Eu estava precisando falar deles. (risos dela e de alguns alunos). Eu tenho um orgulho muito grande porque nenhum nunca me deu um trabalho. Eles são tão bons, que às vezes eu penso: "Meu Deus, será que eu mereço isso?" Eles nem sequer fumam. Tem um que tem três filhinhos. (Elias Rodrigues Martins Filho, maior do Exército Brasileiro).

O outro (Eduardo Passos Rodrigues Martin, engenheiro civil) foi pela CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e está fazendo doutorado em irrigação nos Estados Unidos. Ele está chegando agora, está defendendo a tese. É primeiro lugar. Só vive sendo escalado pelo orientador para dar conferência no Canadá, em São Francisco, em Boston... É um menino que está lá não por proteção, mas por estudo, por competência. A CNPQ foi quem investiu nele. Ele já tinha mestrado e está fazendo doutorado.

As outras duas, uma é médica-cirurgiã cardíaca (Ana Maria Passos Rodrigues Martins). Dizem, tanto Régis Jucá (cardiologista) quanto doutor Glauco (Glauco Lobo Filho, cardiologista), que é muito boa. A outra (Filadélfia Passos Rodrigues Martins) também é médica, pneumologista. Todo mundo também

diz que é também boa médica, não sei. E a caçula (Elizabeth Passos Rodrigues Martins) é juíza do (bairro) Montese, do juizado especial.

Valente - *Como a senhora compara o prazer da magistratura com o prazer de ser mãe?*

Águeda - São duas coisas distintas. Uma é uma realização pessoal e a outra é só mais profissional, é de direção, de escolha.

Valente - *Qual é a realização maior?*

Águeda - Eu acho que o filho é maior que tudo. O filho é maior do que tudo. Metam

as projeções que eu tive na vida, de todas as alegrias que eu tive, de tirar primeiro lugar aqui, de ser bem condecorada acolá, eu nunca senti uma alegria tão grande como a de ter os cinco filhos que eu tenho.

Roberta - *Se a senhora tivesse que abrir mão de sua carreira em favor de seus filhos....*

Águeda - (interrompendo) - Eu abriria sem pensar, sem pensar.

Herik - *Como a senhora se sente pela sua filha caçula ter escolhido seguir sua carreira?*

Águeda - Muito feliz. Eu não influenciei nem mandei ela fazer. Ela foi por conta própria. (risos dela).

Delane - *A maternidade fez a senhora compreender um pouco mais a sua mãe?*

Águeda - Eu já comprehendia, eu já sabia que ela queria o melhor para a gente, mas a maternidade me fez achar que minha mãe era quem estava no caminho mais certo. A gente não pode fazer muitas concessões com a criança. O pior é que eu estou fazendo isso com meu neto...

Jhon - *A senhora acha que o seu marido não se sentiu um pouco coadjuvante no comando da família, na educação dos filhos?*

Águeda - É porque você não conhece o meu marido. Meu marido não foi só coadjuvante. Ele foi a pessoa mais importante na formação dessa família. E ele tem uma coisa que poucos homens têm. Ele tem uma cabeça maravilhosa, que não é machista. Naquela época, um homem como ele, formado em Direito e em Filosofia... ele é um homem que dá valor tanto ao trabalho da mulher, que não faz distinção. A dentista dele é mulher. A arquiteta dele é mulher.

Águeda Passos estava vestida com saia e blazer de cor creme. Ela usa muitas jóias, como anéis, pulseiras e cordões. Várias vezes ela mexia nos anéis em seus dedos.

Mesmo com todo o cuidado de que desse tudo certo, um problema! O gravador da Delane pifou na primeira meia hora de entrevista. Não teve jeito.



Como todos que ali estavam, no início da entrevista, Águeda Passos parecia estar um pouco tensa. Aos poucos, à medida que recordava de sua infância, foi ficando cada vez mais descontraída.

Ele não tem o menor complexo. Eu tenho o testemunho de todos os vinte e três desembargadores e do Chico Alves, de todo mundo que o conhece: ele não tem o menor complexo de eu estar no lugar que eu estou e não ser ele. Se fosse outro homem estaria achando ruim. Ao contrário, ele me dá a maior força. E ai de quem ao menos disser que eu sou feia. (risos dela).

Eivaldo - A senhora falou da importância de ser mãe e da importância que os filhos têm para a senhora. A produção apurou que há mais ou menos dez anos o seu filho Elias Martins sofreu um acidente de pára-quedas...

Águeda - (interrompendo) - Foi horrível.

Eivaldo - Foi daí que essa importância aumentou?

Águeda - Não, a importância deles vem desde o nascimento para mim. Mas eu tive tanto medo de perder meu filho! Foi um acidente horroroso, ele caiu de quinze mil metros ali na Br 116 e foi muita sorte de não passar um carro e pegar ele. Ele ainda levantou-se e foi pegar o pára-quedas e juntar. A felicidade dele foi que só charutou (encharutar - ocorre quando o pára-quedas não abre completamente).

Quando nós chegamos no hospital, ele estava se mexendo e aí a irmã médica, (na época) era estudante, disse: "Você não pode se mexer." Aí ele disse: "Mas o médico disse que eu podia me mexer". Ela foi e disse: "Pode não. Peraí, você está no médico errado." Ela pegou o carrinho e foi buscar o doutor Eládio (Eládio Vasconcelos, ortopedista) e entregou o irmão. Eles são muito ligados, os cinco. Quando o doutor Eládio chegou, ela disse:

"Mamãe, pode se tranquilizar porque ele está entregue na maior mão de ortopedista que pode ter em Fortaleza."

Eles (os outros médicos) queriam operar o menino, botar uns ganchos de alumínio. Acabava a profissão do rapaz. O doutor Eládio não fez nada disso, só fez uma tração e ele ficou completamente curado. Depois disso, ele fez guerra na selva, pára-quedismo, escola de educação física (risos). Ficou bom, né?! Porque em guerra na selva você passa o dia pendurado de cabeça para baixo...

Danielle - A senhora atri-

"Tenho autocrítica se praticar um erro ou uma injustiça com uma pessoa de estirar a mão à palmatória e dizer que eu acho que estou errada."

bui a cura dele à sua religiosidade?

Águeda - Eu acredito que foi uma graça que eu alcancei, mas eu acredito também na perícia médica. Acredito que foi uma junção dos dois. A minha religiosidade acredita que Nossa Senhora o protegeu, mas eu acredito que o colocou também na mão de um bom médico. Mas só a dor, a sensação que você tem de perder uma pessoa querida assim, principalmente um filho, Ave Maria!

Jhon - A senhora é a primeira desembargadora a chegar à Presidência do Tribunal de Justiça do Ceará. Essa ascensão tem um sabor especial na sua carreira, ou é mais uma das promoções que a senhora recebe com naturalidade?

Águeda - Quem me conhece, sabe que eu recebo isso com a maior naturalidade. Como um encargo, como uma coisa que Nosso Senhor me destinou. E eu, graças a Deus, pude fazer muita coisa pelo servidor e pelas pessoas carentes. Só estou frustrada porque fiz um projeto muito bonito, o Justiça Já, para as crianças infratoras e o meu projeto está sem andar.

Andréa - A senhora tem meta de levar esse projeto adiante?

Águeda - Não posso porque eu não estou mais na diretoria do Fórum. Lá, é o juiz da infância e da juventude. Ele que devia colocar isso. Eu deixei na mão dele. Era para estar para frente.

Débora - Como é esse projeto?

Águeda - É (para ajudar) os meninos infratores, que estão drogados... eu dei todas as condições, ao ponto de trazer o desembargador Marcel Roube, de Porto Alegre. O Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) trouxe e ele implantou o nosso projeto

junto comigo, deu aulas, ensinou como se proceder. No fim, o desembargador disse para mim: "Águeda, o filho está melhor que o pai, pois você deu estrutura. Você está com todas as equipes necessárias, equipe de auxílio à comunidade, prestação de serviços, equipe de questão de liberação de privacidade..." de tudo nós fizemos as equipes. E o projeto não está mais como estava. Fiz um convênio com o Doutor Silas Monguba (É o coordenador do Desafio Jovem, instituição que cuida de recuperação de jovens viciados) (quanto à) questão de drogas. Eu pago todo mês o convênio. Parece que são cinco mil reais que nós damos todo mês. Isso não vale nada. Você sabe que

Imaginávamos que seria difícil entrevistar Águeda Passos por causa da responsabilidade de seu cargo. Ledo enganou... na ocasião, ela tirou a toga e se tornou uma pessoa comum.

com as drogas gasta muito para recuperar.

Débora - *O que a senhora acha que está faltando para recuperar?*

Águeda - Está faltando um juiz de pulso forte, um juiz que enfrente aquilo. Que o Darival (Darival Bezerra Primo, juiz e ex-diretor do Fórum Clóvis Beviláqua) volte para a vara dele e faça o trabalho. É só quem tem coragem para fazer e resolver o problema, que é meu juiz e meu assessor.

Janis - *O processo de escolha para presidente do Tribunal é feito por eleição. Porém ultimamente ele tem sido feito por aclamação. O que a senhora acha de ter sido aclamada e não eleita?*

Águeda - Eu acho que a eleição ia dar o mesmo resultado da aclamação. Mas eu gostaria de me submeter, de futuro, à eleição, eu acho que é mais democrática. E a nossa lei prevê eleição, não prevê aclamação. O nosso Código de Organização Judiciária diz que os membros que vão dirigir o Poder Judiciário são escolhidos por voto secreto, através de eleição de seus pares. Não são juízes que vão votar nessa eleição. Vai apenas ser uma eleição feita pelo pleno.

Danielle - *Qual o tipo de eleição que a senhora defende?*

Águeda - Eu não defendo a eleição direta para os dirigentes do Tribunal porque põe o desembargador muito na mão do juiz. Aí, qual é a liberdade que o desembargador vai ter de chamar a atenção de um juiz se ele está dependendo do voto daquele juiz? O corregedor, como ele vai corrigir o juiz se ele está dependendo do voto daquele juiz? Então, eu não defendo a eleição direta. Eu defendo a elei-

ção como a Constituição prevê, restrita aos pares, porque os vinte e três desembargadores que vão escolher os três que vão dirigir o poder é que sabem quem são os melhores para dirigir.

Valente - *Quando a senhora assumiu a diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua, que sabia que ia chegar à Presidência do Tribunal de Justiça, a senhora já se considerava a melhor opção para ser Presidente do Tribunal?*

Águeda - Não, me considerava a melhor opção, não.

Valente - *Quem era a me-*

“Uma das coisas mais importante na minha vida é a beleza de filhos que eu tenho. (...) é muito mais importante do que (...) ter tido todas as projeções que eu tive.”

lhor opção?

Águeda - *(pausa)* Assim também para eu dizer, né?! Eu não sei *(ela fala rindo)* *(risos de todos)*. Eu não sei quem era a melhor opção, não. Mas eu sei que eu não sou a melhor, o melhor desembargador *(ênfase)*, eu não sou. Eu sou um, um dos desembargadores que têm acento nesta casa *(fala rindo)*. Mas, todos são tão bons... eu acho que qualquer um podia ser.

Valente - *A senhora disse que não se importava muito com o fato de ser mulher e Presidente do Tribunal, mas em nenhum momento o fato de ser a primeira mexeu com a sua vaidade?*

Águeda - Não, mexeu não. Eu não sei se é porque eu convivo tanto com homem,

tem hora que eu não sei se eu sou... *(começa a rir, gargalhar)* *(risos de todos)* “Se eu tô ali como homem, se eu tô ali como mulher”. Não sei, eu não faço essa diferença também. Nessa parte eu penso como meu marido, eu não faço diferença de homem, de mulher ocupar isso, ocupar aquilo. Eu não. Era até bom que chegassem ao matriarcado das mulheres. *(risos)* Para a gente ver como é que elas iam governar *(risos)*. Porque... os homens não tão dando muito certo, não! *(fala batendo na mesa)* *(risos de todos)*.

Débora - *A senhora em algum momento sentiu um preconceito por ser a primeira mulher a assumir o Tribunal de Justiça do Estado do Ceará?*

Águeda - Ao contrário *(ênfase)*, eu me senti altamente prestigiada. Já trouxe mais de seis desembargadores aqui para dentro, coisa inédita. E tem mais o seguinte, eu conto com noventa por cento da magistratura cearense, em qualquer eleição que for ter. Eu lhe digo isso porque tenho certeza que conto com noventa por cento da magistratura cearense.

Andréa - *A senhora está satisfeita com suas ações aqui dentro (do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará)?*

Águeda - Estou satisfeita, porque tudo o que eu fiz foi em benefício da Instituição, em benefício dos servidores *(do Tribunal)*.

Danielle - *Teve alguma coisa que a senhora gostaria de ter feito e não fez, durante estes dois anos?*

Águeda - Eu gostaria de ter melhorado o salário dessas pessoas que estão recebendo três salários mínimos, quatro. Gostaria de ter melhorado o salário deles mas não posso porque não depende da gente,



Por detrás da imagem da Presidente do Tribunal, uma mulher simples e cativante.

A personalidade simples de Águeda ajudou o clima da entrevista, que foi ficando cada vez mais natural. Todo mundo se sentiu à vontade para fazer perguntas.



Em vários momentos da entrevista, ao falar de sua vida, a desembargadora começava a rir de uma maneira peculiar.

depende é do governo. Eu gostaria de ter dado um plano de saúde irrestrito e geral para todos os servidores. Eu fiz muita coisa mas em dois anos não dá para gente fazer o que a gente pretende, não.

Débora - *E como é que a senhora via o Tribunal de Justiça antes da senhora assumir e agora, nos dias de hoje?*

Águeda - Ai, mas tu quer que eu seja o quê? Quer que eu diga o quê? (risos) (ela começa a rir também) Não sei. É muito difícil essa pergunta. Ela me fez uma pergunta foi para me botar na casca de banana. (risos) A visão dos outros é mais importante do que a minha. Eu fiz tudo para ver se melhorava a vida do servidor, a vida do terceirizado. Construí uma ala oeste, dando todas as condições, aumentando o Tribunal. Uma área social muito boa, dando restaurante para todos os servidores, para eles não pagarem comida cara, e terem um local de serviço e um local de descanso, um local para mudar a roupa, um vestiário, tudo isso. Também fiz um projeto de informática que é muito grande. O projeto é abrangente, responde por todo o Brasil e todas as comarcas do interior estão ligadas. E o Tribunal do Povo, fiz com todo carinho. Para que o povo se sentisse realmente valorizado com mármore carrara, com o estilo rococó, com o estilo grego-romano. Eu fiz tudo isso porque eu acho que (as pessoas dizem) "ah!, porque é para o povo tem de ser de cimento". Não, eu acho que o povo merece coisa boa.

Andréa - *Qual foi a sua ação dentro do Tribunal de Justiça que lhe deixou mais satisfeita?*

Águeda - Foi tirar os juízes daquela confusão de correrem

de comarca em comarca para ganhar mil e oitocentos a mais, que eles estavam com salário de três mil e pouco. Juízes com salário de três mil e tendo que trabalhar em outras varas para ganhar mais. Isso para mim foi importante porque nós somos o único Estado do Brasil que conseguiu subsídio do magistrado (tosse). Nós fomos aplaudidos de pé na reunião de presidentes (reunião dos Presidentes de Tribunais Regionais de Justiça. Ocorre de três em três meses). Porque realmente o governador (Tasso Jereissati) nos deu esse subsídio.

“Ele (meu marido) não tem o menor complexo de eu estar no lugar que eu estou e não ser ele. Se fosse outro homem estaria achando ruim.”

Lívia - *E como a senhora vê o Poder Judiciário, hoje, aqui no Ceará?*

Águeda - Não o vejo muito bem, não. Eu vejo ele muito atribulado, muito (tosse forte) massacrado, muito atingido. Mas nós pretendemos recolocá-lo no lugar que ele merece.

Danielle - *Como a senhora recebe as críticas da imprensa?*

Águeda - Eu recebo com muita humildade, com muita tranquilidade. Porque eu acho que a crítica, quando boa, clara purifica. Quando uma pessoa me faz uma crítica, eu faço uma avaliação se realmente aquela pessoa tem razão na crítica que me fez e procuro melhorar. Então eu acho que essas críticas que estão sendo feitas ao Poder Judiciário são para a melhoria do poder. Eu acho ruim porque só criticam

o Poder Judiciário, que o Poder Judiciário não tem controle. Ele tem controle demais. Sabe o que é que precisa? Acioná-los. Mas controle ele tem demais, tem o Ministério Público, tem a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Está nas mãos de todo mundo (*a possibilidade de*) acionar o Poder Judiciário.

Janis - *O que falta para acionar (esses mecanismo de controle do Poder Judiciário)?*

Águeda - É falta de ação, (falta de) coragem.

Valente - *O problema é a falta de iniciativa da sociedade?*

Águeda - Falta iniciativa da sociedade, (falta) iniciativa da parte prejudicada. Enfim, se reduz em covardia.

Débora - *A senhora não acha que acesso da sociedade à justiça é restrito?*

Águeda - Não, não é restrito principalmente hoje com a criação desses juizados especiais em todos os bairros. Não é restrito, mais. Hoje o pobre tem mais acesso à justiça do que qualquer outra pessoa. Porque em cada bairro nós temos um juizado especial e um juiz, um promotor, um conciliador, um diretor de vara, dois oficiais de justiça, dois técnicos, dois auxiliares para nos receber. Então eu acho que não está.

Herik - *Então a senhora acha que não é falta de estrutura?*

Águeda - Não.

Herik - *Seria falta de informação...*

Águeda - (interrupção) Nós ainda estamos deficientes na estrutura, porque nós estamos com necessidade de mais juízes (fala batendo na mesa). Mais juízes, nós temos necessidade porque os juízes estão sendo poucos para o montante da demanda. Porque

Tanto Águeda como os entrevistados não paravam de rir. Isso ajudava a criar um clima quase informal.

é impossível um juiz com três mil processos, só ele em uma vara. Três mil processos para uma pessoa só. É muito processo para uma pessoa julgar.

Simões - Quais as ações que deveriam ser feitas para melhorar a imagem do Judiciário junto à sociedade?

Águeda - As ações? Como é que você quer dizer?

Simões - O que deveria ser feito...

Águeda - (interrompendo) Não, isso aí tem que ser uma atitude do próprio Judiciário. Ele mesmo tem que fazer essas ações. Ele tem que saber se comportar, tem que saber como agir no momento certo, e nós vamos dar essa resposta à sociedade. Nós vamos mostrar a sociedade que nós vamos querer um Judiciário limpo como aquele Judiciário que eu entrei.

Jhon - Qual é a expectativa da senhora para a sua sucessão à frente do Tribunal de Justiça?

Águeda - (ela sorri e fica pensativa) A minha expectativa é que o meu substituto é... (começa a falar rindo) continue botando esta alavanca para frente e vá melhorando os projetos que eu fiz, e não desmanchando. E que melhore os projetos que eu fiz e termine os que eu vou deixando projetado. E que seja um homem sério, um homem correto, um homem honesto. Um homem realmente comprometido com a Instituição. É isso o que nós queremos.

Jhon - Essas são características que se podem atribuir ao atual diretor do Fórum Clóvis Beviláqua e seu natural sucessor? (à época da entrevista o Fórum Clóvis Beviláqua era presidido pelo desembargador Ernani Barreira)

Águeda - Olha, eu gostaria

de que você não me fizesse essa pergunta porque, por uma questão de ética, eu não posso responder.

Jhon - Mas a senhora se preocupa com isso?

Águeda - De quê? (ela quis dizer "com o quê")?

Jhon - Com ele ser seu natural sucessor.

Águeda - Eu não. Quem se preocupa é a própria sociedade e a Instituição. Não sou eu. Quem está mais preocupada com tudo isso é a sociedade em geral. E toda a Instituição. Não sou só eu.

Erivaldo - Uma vez por outra a imprensa nacional

“Quem me conhece, sabe que eu recebo isso (o cargo de presidente do tribunal) com a maior naturalidade. Como um encargo, como uma coisa de Nosso Senhor.”

coloca em suas páginas algumas denúncias contra o Poder Judiciário, de que este teria uma "banda podre". Eu pergunto para a senhora, o Poder Judiciário no Ceará, tem essa versão da "banda podre"?

Águeda - (ela ri e fala baixinho: ó ai, ó!) Olha (ri), eu te prometo uma coisa, não posso responder essa questão aí dessa "banda podre" que você fala porque é uma coisa muito grave para uma presidente do Tribunal dizer. Se eu não fosse a Presidente do Tribunal, eu te dava a resposta bem na hora (ênfase) (risos de todos), viu?! Porque quando eu terminasse de te dar a resposta, o sujeito podia vir em cima de mim me processar que eu daria as provas, viu?!

Danielle - Mas a revista é em janeiro. (risos de todos)

Águeda - Mas eu só saio em fevereiro. (rindo)

Vários - Não mas só sai em março.

Vários - (a revista) Só é publicada só em março

Águeda - Mas por enquanto eu ainda estou na investigação. Eu te digo o seguinte: a imagem do Poder Judiciário, ela vai mudar. Pode ter certeza, que nós vamos fazer um trabalho e essa imagem dessa "banda podre", ela vai mudar. Porque essa imagem é em todo o Brasil. Vocês falam mais isso por causa desse Nicolau (dos

Santos Neto, envolvido no escândalo de desvio de dinheiro público na construção do prédio do Tribunal Regional do Trabalho - TRT - de São Paulo). Desse pessoal aí todo. Pois é, então eu lhe digo o seguinte, essa imagem vai mudar. Porque em todas essas reuniões de presidentes que a gente vai, há um comprometimento de todos os desembargadores, de todos os tribunais, da gente anular essa parte.

Erivaldo - A eleição para a Presidência do Tribunal, e não aclamação, seria algo nessa direção?

Águeda - Não seria algo nessa direção, porque a eleição sempre houve no Tribunal, sempre. Houve três aclamações, mas houve muito mais eleições.

Débora - Desembargadora, de quem seria o voto da senhora?

Águeda - (há, há, há - ela ri) Ah! O voto é secreto. (risos) (há, há, há)

Danielle - E o que é que a senhora pretende fazer...

Águeda - (interrompendo) Se você me perguntasse assim: "Quais são as características da pessoa (em) que a senhora vai votar? (risos)



O assessor de imprensa e amigo de Águeda Passos, Chico Alves, esteve presente durante toda a entrevista. Muitas vezes, ela se virava para ele na hora de responder as perguntas e dizia: "Não é, Chico?!"

Teve um aluno que quase esqueceu que estava diante de uma desembargadora. Por pouco ele não a chamou simplesmente de Águeda...



Águeda Passos demonstrou grande carinho ao lembrar de seu pai que, segundo ela, foi uma pessoa essencial na sua formação como pessoa.

Vários, em uníssono - Quais são as características de quem a senhora vai votar?

Jhon - Foi exatamente isso que ela (Débora) quis dizer. (risos)

Águeda - Um homem sério, correto, que tenha credibilidade dos seus pares, que tenha a credibilidade da sociedade, que tenha um passado de juiz, que seja um vocacionado e que tenha respeito próprio. Dei todas as características, não dei?!

Danielle - E o que a senhora pretende fazer para que aconteça, nessa sucessão, eleição, e não aclamação?

Águeda - Não, não sou eu não. É todo o Tribunal que está decidido...

Danielle - (interrompendo) É particularmente... (na sua opinião)

Águeda - Não, todo o Tribunal está decidido a cumprir o seu Código de Organização judiciária. Porque é previsto lá. Errado era aclamar.

Débora - E quem são os favoritos na sucessão?

Águeda - Não sei. (pausa) Tem que se seguir uma ordem de antigüidade. Os favoritos são os que estão na listagem de antigüidade, só não pode ser aqueles que já foram presidentes e os que estão em cargos de gestão.

Andréa - A senhora tem esperança na juventude. Em que aspectos...

Águeda - (interrompendo) Tenho, essa juventude é muito bendita.

Andréa - Em que aspectos a senhora acha que os novos juízes vão se diferenciar das gerações antigas?

Águeda - Os novos juízes, eles são mais abertos. Eles estão com uma mentalidade maior. Posso até dizer que eles não admitem que o Judiciário seja

tachado de corrupto, englobando-os, por uma questão de corporativismo. Não há corporativismo entre essa juventude. E isso eu acho muito importante, porque eles estão se desvincilhando disto que é um mal que trava o Judiciário.

Janis - Qual a sua opinião em relação ao fato de o Governo do Estado deixar de cumprir as decisões judiciais?

Águeda - Olha, eu não posso te responder isso porque eu estou fora da judicância há quatro anos. Eu fiquei dois anos no Fórum (Clóvis Beviláqua), dois anos aqui. Mas

“Eu acho que a crítica, quando boa, ela purifica. Quando uma pessoa me faz um crítica, eu faço uma avaliação se realmente aquela pessoa tem razão.”

todas as (decisões judiciais) que eu tenho mandado ele tem cumprido. Uma só que eu tenho notícia que ele não cumpriu foi desses salários cascata, que davam quarenta e seis mil, cinqüenta e dois mil, com esse negócio de lei Geni. Mas as outras que a gente tem mandado, as decisões, pagamento de funcionários, precatórios atrasados, ele tem cumprido. Agora, quando são esses salários, “Ixe, Maria”, é uma luta.

Ele não quer pagar, não.

Débora - A senhora acha que a relação...

Águeda - (interrompendo) Quarenta e seis mil só para uma pessoa, cinqüenta! É muito dinheiro.

Débora - A senhora acha que a relação da justiça com os prefeitos do interior, a partir das sentenças do

Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), foi abalada?

Águeda - “Vixe”, eu não sei disso, não! Aí, minha filha. Pois eu não sei porque eu não conheço prefeito.

Débora - Na sua opinião, a senhora acha que (essa relação) foi abalada com o processo do Fundef?

Águeda - Não, porque eu acho que os desembargadores, que são os das Câmaras Criminais, são todos homens dignos, corretos. Eles não estão se preocupando com essa imagem de que foi abalada ou de que não foi abalada. Peço que conheço deles, eles estão preocupados apenas de cumprir o dever deles. Não estão nem aí (para o fato de ter sido abalada ou não).

Andréa - O que a senhora acha do controle externo do Poder Judiciário?

Águeda - Não acho bom pelo seguinte, porque se fosse só pessoas do Judiciário - da alta cúpula, Justiça Federal, Justiça Estadual, Supremo Tribunal Federal, STJ (Superior Tribunal de Justiça) - podia dar certo. Mas metendo deputado, senador, tudo no mundo, não dá certo. Porque eles vão querer pressionar o juiz, aí não presta.

Jhon - Qual a relação da senhora com as autoridades dos poderes Legislativo e Executivo?

Águeda - Maravilhoso, tanto com o Wellington Landim (deputado estadual pelo PSDB e atual presidente da Assembléia) como com o Executivo, eu me dou muito bem. E consegui tudo, subsídio e tudo.

Danielle - A senhora não acha que o fato de o Judiciário ser controlado pelo Ju-

Pudemos contemplar a emoção nos olhos da desembargadora no momento em que ela falava de quanto os pais são insubstituíveis.



diciário não gera um corporativismo?

Águeda - Não, gera não. E vocês vão ter prova de que não gera. Porque o órgão responsável para o controle do Judiciário é a Corregedoria, e ela tem que ser independente. O Conselho Nacional da Magistratura, que tá lá em Brasília! Sabe o que é que está faltando? É o pessoal trabalhar e cumprir o seu dever, é só o que está faltando, mas controle tem demais.

Valente - Desembargadora, na sua vida profissional, em toda a sua carreira como juíza, a senhora já...

Águeda - (interrompendo) Esse vai ser o tipo do jornalista fino (risos de todos), educado.

Valente - É... (ri) em toda a sua carreira, a senhora já sofreu alguma tentativa de...

Águeda - Pode perguntar! (fala rápido e com ênfase)

Valente - ...corrupção (risos de todos), extorsão, ou coisa parecida, suborno?

Águeda - Mais olha, ontem mesmo eu estava respondendo isso. Não era, Chico?! (Chico Alves, seu assessor) Eu entrei em 1961 na magistratura, eu nunca achei na minha vida (ênfase) quem chegassem perto de mim para fazer sequer uma insinuação (ênfase) em um julgamento meu. Nunca (ênfase) encontrei quem quisesse me subornar, nem me oferecer propina, nem nada. Nunca encontrei.

Janis - A senhora acha que isso se deve...

Águeda - (interrompendo) Eu acho que a minha decisão não vale é nada! (risos) (ela ri)

Janis - A senhora acha que se deve a quê?

Águeda - Não sei. Eu acho que é a trave que eu bato.

(junta as mãos na frente do corpo em forma de uma barreira). Deve ser.

Valente - Mas a senhora já se deparou com algum colega que se corrompeu? Já soube de algum caso?

Águeda - (silêncio) (risos) E agora, Chico?

Chico Alves - Responda o que a senhora me respondeu ontem.

Débora - Eu posso reformular a pergunta? A senhora disse que nunca recebeu suborno, a senhora acha que...

Águeda - Não, não recebi nenhum suborno. (Disse que)

“Hoje o pobre tem mais acesso à justiça do que qualquer outra pessoa.

Em cada bairro nós temos um juizado especial e um juiz, um promotor, um conciliador...”

Não houve nenhuma tentativa (de suborno).

Débora - Por que a senhora acha que alguns juízes ou algumas pessoas chegam a receber esse tipo de proposta?

Águeda - Ah! Isso aí eu não sei informar a você porque que essas pessoas são tão acessíveis a receberem essas propostas. Acho que isso depende de cada um. O corruptor está cometendo um crime tão grande quanto do corrupto. Ele só atenta que quem está se corrompendo é quem está recebendo o dinheiro.

Quando ele também está cometendo um crime, porque está corrompendo uma autoridade. Isso é uma coisa que não se esconde, a corrupção, é beteira. A sociedade sabe logo e

fica dizendo à boca pequena. Eu tenho ouvido muita gente dizer que já recebeu tentativa de suborno, mas eu nunca recebi. Nunca (ênfase) achei quem me dissesse pelo menos assim: “como é que você vai julgar esse processo?”, não, nunca. Encontrei muitos advogados na minha vida que chegavam para mim e diziam assim: “Ei, neguinha, julga logo aquele meu processo, tu já sabe que eu não tenho razão”. Era assim.

Erivaldo - O símbolo do Poder Judiciário do Ceará é um martelo denominado Zé D'lex, que vem acompanhado com a frase “Meritíssima é a sociedade”...

Águeda - (interrompendo) Ah! Ali é o meu programa de qualidade total. (rindo)

Erivaldo - ...mas alguns juízes, ao que se vê, pelo menos nacionalmente, não levam essa frase inspirada aqui no Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, ao pé da letra. O que a senhora acha disso?

Águeda - Porque meritíssimo é a sociedade, mesmo. Não somos nós, não. Porque a gente trabalha para a sociedade. O trabalho da magistratura é todo voltado para a sociedade, não?! Um trabalho de anos e anos. É a sociedade que recebe esse trabalho, ela é quem é a meritíssima porque o juiz está ali prestando serviços.

Jhon - A senhora usou a expressão “anos e anos”. Isso me lembrou o tempo que leva alguns processos até chegarem a sua resolução. A senhora acha que a morosidade, a lentidão da Justiça, deve-se a uma falha no sistema ou uma defasagem dos quadros?

Águeda - As duas coisas. Eu acho que o sistema está cr-

A todo momento, a porta se abria. Ou era o garçom, ou eram os pacotes com livros de autoria da desembargadora que iríamos ganhar no final da entrevista.

A desembargadora Águeda Passos mal tocou nos dois copos d'água e na xícara de chá que lhe foram servidos durante a tarde de entrevista.



No final da entrevista, a desembargadora agradeceu o convite e se pôs à disposição da equipe de produção. Ela ainda ficou um bom tempo conversando, já com os gravadores desligados.

O nosso querido colega Edjônio participou como ouvinte da entrevista. No final, ele teceu comentários sobre "imprensa marrom". Esta foi prontamente denominada pela desembargadora como a "banda podre" do jornalismo.

rado. Porque para (a) pessoa receber a eficácia de uma decisão, leva anos porque é recurso de apelação, extraordinária, embargo, agravo, embargo declaratório. No fim, tem assim dez recursos em cada processo. Depois, acabam as fases dos recursos, aí vamos para os embargos infringentes, aí esses embargos infringentes vão fazer outro processo para novamente... Aí começa tudo de novo. Quando termina o embargo infringente, aí diz assim: "Ah, agora vamos para uma rescisória", anula tudo. Então é isso, esses horrores de recursos que dificultam celeridade. Eu digo a todo mundo, disse isso lá no Senado, para a Comissão de Reforma do Judiciário, que quem está empacando a justiça são os recursos que são demais. Bastava que houvesse o de apelação do juiz para cá e, se aqui não decidisse, do Extraordinário para o Supremo. Bastavam esses dois recursos, não precisava mais do que isso. Quando ferisse a lei ou a Constituição, que fôssemos para o Supremo Tribunal Federal e, quando fosse matéria de Mérito, para o STJ (*Supremo Tribunal de Justiça*). Só esses dois recursos, ora para o Supremo, quando atacasse a lei ou a Constituição, ora para o STJ, quando pedisse a reforma da decisão do Ceará, ou de outro Tribunal. Mas o código prevê mais recursos do que anos de vida da pessoa para conseguir a coisa.

Arizona - *Como presidente do Tribunal, qual a análise que a senhora faz do governo Fernando Henrique Cardoso, no aspecto que, muitas vezes, cria medidas provisórias passando por cima das decisões da justiça?*

Águeda - Eu sou contra essas medidas provisórias. Eu

acho que nós temos um Poder Legislativo, esse Poder Legislativo é que devia legislar e não o Presidente da República, porque se ele vai legislar e criar medidas provisórias, não precisa do Legislativo. Eu acho que quem está se desgastando é o próprio Legislativo. Ele é quem deve se dar ao valor. Nós do Judiciário não temos nada com isso. Eles quem deveriam dar o seu grito de independência.

Danielle - *Em um discurso que a senhora fez durante a posse do desembargador José Arísio Lopes, no dia dezenove de outubro de dois mil, a senhora disse que o*

"A imagem do Poder Judiciário, ela vai mudar. Pode ter certeza, que nós vamos fazer um trabalho e essa imagem dessa 'banda podre', ela vai mudar."

Judiciário está com descrédito, por quê?

Águeda - Por causa dessas batidas fortes que a sociedade faz, que tem "banda podre", que o Judiciário não decide com facilidade.

Danielle - *E o que poderia ser feito para recuperar (a credibilidade do Judiciário)?*

Águeda - O que poderia ser feito para recuperar, é modificar tudo isso aí. Dar estrutura para maior celeridade, é tirar essa "banda podre", cortar, expurgar.

Débora - *O que a senhora fez para que houvesse essa mudança?*

Águeda - (interrompendo) Nós vamos fazer. Nós estamos fazendo. Nós ainda não fizemos.

Roberta - *O que vocês vão fazer?*

Águeda - Nós vamos fazer o seguinte: vamos apurar essas denúncias quando chegarem. Porque só dizem que tem uma "banda podre" mas não tem quem chegue aqui para dizer quem é que está recebendo, quem é que está extorquindo, quem é que está recebendo dinheiro, quem é que pediu isso, quem pediu aquilo... não tem coragem. Então, nós estamos aí com um bando de desembargadores aguardando que alguém tenha coragem, mas a única coragem que chega aqui é carta anônima.

Débora - *Mas a senhora acredita que tenham alguma veracidade essas acusações?*

Águeda - Não, eu não sei, da veracidade eu não sei porque não fui testemunha, como é que eu vou afirmar?

John - *A senhora não acha que o Judiciário tem poderes demais e isso acaba amedrontando um pouco pessoas que temam possíveis denúncias?*

Águeda - Poderes como?

Jhon - *Que o Judiciário tem uma independência, um poder de decisão muito grande*

Águeda - Mas qual?

Jhon - *O poder de decidir quem está certo, quem está errado.*

Águeda - Ah! Mas o Poder Judiciário só não. O Poder Judiciário é tão revisto que o juiz monocrático, ele dá a sentença, o tribunal revê, vai para o Supremo (*Supremo Tribunal Federal*), vai para o STJ (*Superior Tribunal de Justiça*). Será que está todo esse povo aí comprometido?

Débora - (interrompendo) Mas seria a justiça analisando a justiça.

Águeda - Sim, aí quem é que vai analisar a sentença? Sentença é atividade jurisdicio-

nal. Na hora que se tirar a sentença do juiz, dos tribunais do juiz, se acaba o Judiciário, pode desmanchar, não tem mais Judiciário... porque a...

Débora - (interrompendo) Eu não quis dizer isso.

Águeda - (interrompe com exaltação) Nem me faça essa pergunta porque essa pergunta tá fora do contexto (*demonstrando exaltação*). O juiz só tem a atividade jurisdicional. Se ele tem a atividade jurisdicional, que é de julgar, o único poder no mundo que pode julgar é o poder judiciário, outro poder não pode. Então na hora que se tirar isso, o Poder Judiciário está desmanchado. É melhor desmanchar e mandar todo mundo para casa.

Jhon - Na opinião da senhora existe fiscalização suficiente?

Águeda - Existe fiscalização. Está faltando são as pessoas movimentarem essa fiscalização. É covardia.

Jhon - Então o que está errado não é o sistema, são as pessoas?

Águeda - Eu acho que as pessoas é que estão erradas. As pessoas que sofrem suborno, as pessoas que sofrem injustiças, as pessoas que não têm coragem de recorrerem, as pessoas que não têm coragem de denunciar. Elas que são verdadeiramente culpadas de tudo que ocorre.

Jhon - A falha não está no mecanismo, mas nas peças.

Águeda - É, nas peças.

Simões - Caso chegasse uma denúncia formal até a senhora seria fácil tirar os membros da chamada "banda podre" do Judiciário do poder?

Águeda - Eu te digo com toda sinceridade: com provas, com testemunha, com tudo no mundo a gente tiraria (*pausa*). Você veja que eu afirmo por-

que tenho a segurança de que se faria isso. Se eu achasse que não faria, eu daria uma resposta dúbia. Mas eu te digo com toda segurança, se chegasse essa denúncia com todas as provas dessa banda, que você disse aí podre, e munida de documentos e, além dos documentos, provando através de testemunha a gente tira na hora.

Erivaldo - Desembargadora, muitas medidas que partem do próprio Poder Judiciário estão aos poucos melhorando a imagem deste perante a sociedade. Uma dessas medidas é uma emen-

da que propõe a declaração (de bens) de familiares, de descendentes de 1º grau para quem ocupa os cargos. O que a senhora acha dessa emenda?

Águeda - (...) Eu acho muito importante, porque eles estão se desvincilhando disto, que é um mal que trava o Judiciário."

da que propõe a declaração (de bens) de familiares, de descendentes de 1º grau para quem ocupa os cargos. O que a senhora acha dessa emenda?

Águeda - Eu não tenho nada contra a emenda, mas eu só acho que isso aí é uma verdadeira hipocrisia. Hipocrisia porque fazem a emenda e ficam botando os parentes por porta de travessa, vão para o outro Estado, vão para o Executivo, vão para o Legislativo, vão para tudo. Tiram daí, mas ficam fazendo essa coisa. Qual é o pai que, estando em uma situação difícil de julgamento, que podendo confiar no seu filho, ele não bota seu filho? Não acho certo é filho de desembargador, filho de ministro advogarem dentro dos tribunais em que estão seus

pais. Mas ele sendo proibido de advogar e podendo ajudar o seu pai... o pai só pode confiar no seu filho. Eu não sou contra isso não.

Erivaldo - É um nepotismo consentido?

Águeda - Não é o nepotismo, porque o nepotismo é a partir de quatro (*parentes*). Nepotismo, o nome está dizendo.

Danielle - Qual a sua opinião sobre o nepotismo?

Águeda - Eu acho que o nepotismo não é bom, não é sadio para nenhum poder, mas também não acho errado o pai trazer um filho e botar em um lugar com ele.

Valente - Mas a senhora não acha que isso ajuda a denegrir a imagem do Judiciário?

Águeda - Acho não, acho que um filho não vai vender seu pai quando um outro estranho poderia vender. Porque os processos ficam muito na mão do assessor..

Janis - Desembargadora, em um entrevista dada ao jornal *O Povo*, publicada no dia 3 de julho de 2000, a senhora se mostra contra a CPI do Judiciário. Por quê?

Águeda - Porque não tem condições de um poder ingerir no outro. A Constituição diz que nós somos independentes e harmônicos, então quem tinha que fazer uma avaliação do Judiciário era o próprio Supremo Tribunal Federal, o STJ, qualquer tribunal superior, menos CPI. Nós não podemos nos sujeitar à CPI por isso. O Legislativo não pode interferir no Judiciário, como eu também, do Judiciário, não posso chegar investigando vida de senador e de deputado. É uma interferência indevida. Por isso que eu sou contra.

Danielle - A senhora é contra a CPI e também acha



A entrevista contou com a colaboração de Marina Gurgel, então aluna do 5º semestre de Comunicação Social da UFC, responsável pelas fotografias de Águeda Passos. Valeu!

Houve distribuição de quites com todas as publicações de Águeda Passos no final. Isso sem falar no lanche saboroso, com suco, refrigerante, empada, coxinha e pão de queijo.



Enquanto lanchávamos, Águeda Passos chegou a brincar com alguns dos entrevistadores. Quis saber porque a Janis havia se emocionado no decorrer da entrevista.

Águeda - que a declaração anual não é suficiente...

Águeda - (interrompendo) A declaração de quê?

Danielle - A declaração anual dos bens (de membros do Judiciário).

Águeda - Eu acho que uma declaração de renda o tempo todo, na entrada e na saída de um emprego, e quando vai assumir um cargo é essencial.

Danielle - Mas além da declaração, o que poderia ser feito para impedir a corrupção no Judiciário?

Águeda - No Judiciário só não, em todo lugar. Porque não é só o Judiciário que tem corrupto, em todo lugar tem corrupto.

Danielle - Mas especificamente (no Judiciário)?

Águeda - Eu acho que além da declaração de renda... (silêncio prolongado) Aí você me empacou... Eu não estou é sabendo dizer qual o outro mecanismo que a gente pode utilizar. Porque a declaração de renda, se for uma coisa séria, já por si bastaria. Mas vamos dizer que, além da declaração de bens da pessoa, exigisse a declaração de renda de todos os seus familiares porque os bens podem estar colocados no nome de outras pessoas. Eu acho que é a única forma de controle, outra não tem (silêncio). Tem cinco filhos? Investiga os cinco filhos, mulher, sogra, sogro, tudinho.

Valente - A senhora acha que o Tribunal do Povo preenche a necessidade de ação social do Judiciário?

Águeda - Preenche a ação social dos Juizados Especiais de Pequenas Causas, das pessoas carentes.

Valente - O que a senhora acha que falta ao Judiciário fazer para ter esse papel mais ativo?

Águeda - Falta que a gente consiga formar uma estrutura

própria de juízes pertencentes só ao Tribunal do Povo. Porque nossos juízes lá são alugados, são tirados de outras varas que têm muitos processos. Mas são cinco horas... (referindo-se ao horário).

Erivaldo - Existe uma lei estadual que proíbe, segundo o que a produção apurou, (que se atribua) nomes de prédios públicos a pessoas vivas, a exemplo dos (Hospitais) "Gonzaguinhas"...

Águeda - (interrompendo) "Vixe".

Erivaldo - E eu queira saber como o Judiciário e a senhora, como presidente do

um segundo, eu me sinto é preocupada.

Danielle - Na sua opinião o Poder Judiciário cumpre a sua função social?

Águeda - Eu acho que ele precisa de mais coisas para cumprir essa função social. Precisa também de um melhor aparelhamento, de mais juízes, de mais funcionários. Nós estamos com uma defasagem horrível de funcionários e de juízes. Então, essa função social só seria melhor cumprida se nós tivéssemos maior número de juízes para a demanda.

Andréa - A senhora acha que o Judiciário funciona melhor hoje do que antigamente?

Águeda - Antigamente eu não posso te falar. Eu posso te falar que quando eu entrei na magistratura a demanda era muito pequena. Um desembargador não tinha quatro mil processos. Era cem, cento e cinquenta, no máximo. Hoje, cada desembargador tem quatro mil, cinco mil processos. É processo demais! Pobre da doutora Celeste (referindo-se à desembargadora Maria Celeste Thomaz de Aragão)! Chegou aí, está com quatro mil (processos).

Herik - Que ações a senhora acha que poderiam ser feitas para reverter esse quadro, para que os desembargadores conseguissem julgar os processos com maior agilidade?

Águeda - (Que se) criasse mais cargos de juízes. Eu quero concluir dizendo a vocês que está faltando estrutura, estão faltando funcionários, estão faltando juízes. Mas eu acho que para que a gente pegasse um Judiciário melhor, um Judiciário no qual eu entrei, era necessário que houvesse, na entrada dessas pessoas no Judiciário, uma investigação

Depois, Águeda disse para o Ronaldo Salgado que sempre procurava conversar e entender seus alunos. E muitas vezes procurava dar conselho a eles. "Eu não estou lhe dando lição de moral não, viu professor?!" disse.

"Isso é uma coisa que não se esconde, a corrupção, é besteira. A sociedade sabe logo (...)
Tenho ouvido muita gente dizer que já recebeu tentativa de suborno, mas eu nunca"

Tribunal, vê essa lei?

Águeda - Olha, (há, riso irônico), eu acho o seguinte, detesto (com ênfase) quando botam o meu nome nas coisas, o Chico (Chico Alves) sabe. Eu detesto, não gosto de maneira nenhuma. Acho que está errado, mas aqui tem gente que diz o seguinte: "Homenagem depois de morto, pode ficar com ela" (risos). Então essa é (minha) a opinião. Eu não gosto, mas isso é uma coisa pessoal.

Lívia - Desembargadora, por todos esses cargos que a senhora passou, por essa experiência acumulada, em algum momento a senhora se sentiu deslumbrada com o poder?

Águeda - Deslumbrada? Nunca, nem um minuto, nem

maior na vida (*dessas*) pessoas. Porque o que está faltando é isso.

Eu acho que as pessoas estão entrando aqui e fazendo concurso sem uma verdadeira apuração de suas vidas, qual foi o meio em que se criou, qual foi seu ambiente, qual foi a sua vida lá fora, como se comportou como mulher, como homem, se foi drogado ou... ela, se foi moça de programa. Um bocado de coisa que está precisando que se averigüe. Anteriormente se tinha isso e hoje não se tem mais.

Danielle - *Desembargadora na sua opinião o Fermoju (Fundo Especial de Reaparelhamento de Modernização do Judiciário, com destinação para construção e manutenção dos prédios da Justiça Estadual, compra de materiais, equipamentos e informatização do Poder) é constitucional?*

Águeda - O Fermoju é constitucional. Ele só estava sendo tachado de inconstitucional porque estavam desviando. Tinham dado uma taxa para a OAB, outra para o Ministério Público quando não pode ser. Ele tem que ser só para o reaparelhamento do Judiciário. Ele é tão constitucional que, por exemplo, anteriormente se essa mesa se partisse você tinha que ir de pires na mão pedir ao governador para mandar

consertar. Você acha que está certo um Poder não ter um tostão para fazer suas coisas? Não dá certo. O Fermoju não está tirando de ninguém, ele está tirando do cartório que é fiscalizado pelo tribunal. O cartório já está ganhando e tem a fiscalização do tribunal para poder tirar aquela taxa.

Herik - *Mas desembargadora, quando se fala que o Fermoju é inconstitucional afirma-se que o Judiciário não pode criar tributo e ele é um tributo do Judiciário.*

Águeda - Mas ele não é, minha filha, tributo. Ele não é um tributo, quem lhe informou isso está doido, está errado.

Herik - *(Foi) Uma matéria jornalística...*

Águeda - *(interrompendo)* É, o jornalista diz o que quer. Mas ele não é um tributo, ele é uma taxa que o escrivão paga. Ele recebe três mil reais por uma escritura, então dali ele tem a cota-parte dele para colocar a serviço do Judiciário, do selo. Por quê? Porque os escrivães são fiscalizados pelo Judiciário. Eles têm que dar a parcela de contribuição.

Olha, essa preocupação com o Fermoju é a coisa mais doida do mundo porque em todos os Estados do país, já aos moldes do Estado do Ceará, fizeram esse Fermoju. Eu fiz a reconstrução de um horror de prédio que caiu. Se não

tivesse o Fermoju - que é só para reaparelhamento do Judiciário - o que era que tinha acontecido? Estavam os prédios todos no chão. O maior prejuízo do mundo para o Estado porque os prédios não nos pertencem. Nada aqui é do Judiciário. Este prédio não é nosso, nada é nosso aqui. Nós somos apenas cessionários do Estado. Essa é a confusão da sociedade. Quando eu fui entregar o Fórum (Clóvis Beviláqua, referindo-se ao antigo prédio no centro da cidade) ao governador, ele disse: "Águeda, o prédio não é seu? Como é que você vem me dar?". Eu disse: "Não senhor, o prédio não é do Judiciário não, nós somos apenas cessionários".

Isto é a maior ilusão que as pessoas passam de que nós somos donos. O Judiciário não é proprietário de nada, a Assembléia Legislativa não é proprietária de nada. Tudo pertence ao Estado, o verdadeiro dono de tudo é o Poder Executivo. Nós não temos nada.

Janis - *Desembargadora, o que ainda falta para a mulher, a mãe, a avó, a Juiza Águeda Passos?*

Águeda - Ah, só eu ver meus netos bem encaminhados na vida e bem... estudando e tirando notas boas, bem corretos, bem direitos, só isso. **E**



As reuniões de edição da entrevista foram na casa da Janis. A família dela foi muito compreensiva. Muitas vezes nos deparávamos em acaloradas discussões que ecoavam por todo o apartamento.